

Pedro Sena-Lino

Deste Lado da Morte Ninguém Responde

Quasi Edições

A essencialidade da poética de Pedro Sena-Lino ao formular um tempo que parece sempre destinado à morte constrói de modo eficaz a natureza total do corpo (substância carnal e espiritual). O seu livro *Deste Lado da Morte Ninguém Responde* reforça um discurso percorrido por finitudes que nunca se desligam de retornos num jogo dialético carregado de inquietações.

Não será por acaso que o poeta cita Eurípedes logo nas páginas de abertura: «Quem sabe se a vida é morte e a morte é vida?» Neste enraizamento filosófico, a poesia de Pedro Sena-Lino procura unir dois extremos e trata-os como se não existissem distanciamentos entre os momentos do nascimento e o da morte, como se a representação ontológica só possa, de facto, dar-se de forma integrada, sem descontinuidades.

Toda a ciência e dinâmica das palavras, elas mesmas obedecendo quer à função expressiva, quer à função poética, denunciam, entretanto, uma tensão no *corpus* literário de Pedro Sena-Lino. O que, numa leitura menos cuidada, pode afigurar-se *figuras de estilo*, num outro olhar atento anula-se essa possibilidade e ganha-se consciência de uma espiral metafórica que impressiona pela maneira como problematiza a relação do homem com a vida e a morte, mesmo com a «mais impossível morte».

E a morte («não vim ao mundo senão para morrer» – pág. 27) constitui-se no texto-poesia de Sena-Lino não como rejeição linear,

mas torna-se, sobretudo, uma disciplina de incessante procura, um ventre estranho que nos devolve à origem, à matriz ou a um novo encontro porventura regenerador. Conduz-nos a um Outro desconhecido, porém não ausente. Em *Deste Lado da Morte Ninguém Responde*, o poeta que se estreou (2000) assinando *Constelação dos Antípodas*, depois de no mesmo ano ter aparecido com o ensaio *Natércia Freire*, dialoga com a morte (pág. 35) e pede a essa personagem invisível, intérprete dos silêncios do próprio corpo: «morte, minha materna morte: faz-me o poema onde aprenda a morrer, e, num texto corpo de silêncio, cria comigo o amor.» De novo a morte aflora a viagem e a reflexão nos seus contrários: «havia uma vez as mãos do poema / seguravam os sonhos infantis / para que chegassem mais longe» (pág. 17).

Livro de tempos expressos, todavia nunca inteiramente pronunciados, é a partir desses tempos – dias e meses –, sejam janeiro, fevereiro, abril ou maio, que se estabelece a linha comunicacional entre poemas e silêncios: «não sei se alguma vez viste / crescer a morte sobre o corpo» (pág. 15), «não sei se alguma vez viste a morte / crescer no corpo de alguém» (pág. 19), e a morte, esse lado de onde «ninguém responde» faz assim a memória tão absoluta que se acredita «na sombra iluminada do grito».

É, ainda, num «batimento das sombras» que Pedro Sena-Lino desconstrói quotidianos absurdos: «para uma criança morrer / absoluta e cadáver / dão-lhe o inferno para crescer // chamam destino ao que a morte cria / e noite à verdade dos dias / tiram retratos que a morte desfoca / e permitem que se passe entre os mortos / como se aqui fosse o lugar» (pág. 31).

Com alguma complexidade na estrutura de cada verso, Pedro Sena-Lino, também ensaísta e dedicado ao ensino da escrita criativa, tem uma brevíssima e curiosa nota biográfica na badana do livro *Deste Lado da Morte Ninguém Responde*: «n. 1977, sexualmente interessado em Deus». Uma bizarria? Um desafio? Talvez desejo e

sede que buscam respostas e ampliam o mistério enquanto identidade suprema. O poeta escreve: «deram-me um espelho onde me queimei / integral e semente // atravessava vultos corredores do tempo / mas só a sede me vivia». Uma sede que em Pedro Sena-Lino anda «nas vizinhanças da dor que deus doía». Deus de um homem que «sobe nu de tempo» ou Deus como «um porto acima dos dias». Ou «o eco genital de Deus a abrir avessos». Em todos estes fragmentos podem existir a «carne rebentada de silêncio» e sempre a morte que atravessa todas as palavras do poeta «enquanto nascem Deus e o seu tempo».

© *MARIA AUGUSTA SILVA*